



CHUVAS EM MINAS GERAIS

Governador assegura que turismo em Capitólio só será retomado depois de uma análise técnica que avalie os riscos na região. Mas, para especialista, havia como detectar a possibilidade de a rocha que desabou sábado se desprender

Para Zema, tragédia que matou 10 era imprevisível

» TAÍSA MEDEIROS

O governador de Minas Gerais, Romeu Zema, considerou a tragédia de Capitólio — que matou 10 pessoas, cinco delas da mesma família (veja no quadro ao lado) — como algo imprevisível e fora do alcance dos mecanismos de fiscalização do poder público. Segundo ele, o desprendimento de uma rocha daquele tamanho foi algo inédito. Mas prometeu que o governo estabelecerá análises anuais de risco geológico para tentar evitar que um novo paredão de rocha volte a se desprender futuramente — e causar novas mortes.

“Acho que poderia (ser evitado) da mesma maneira que nós podemos evitar que nenhuma rocha venha a rolar de nenhuma montanha no Brasil. É algo inédito, que nunca aconteceu anteriormente. Nos últimos 100 anos, nós não sabemos de nenhuma ocorrência dessa. Então, seria algo muito difícil de se prever. E quando cai um raio? Quem é o responsável? É o prefeito?”, questionou.

Zema afirmou que a área vai “merecer análise técnica de geólogos e colocar ali um nível de risco aceitável ou não”. O governador assegurou que o turismo na região será retomado apenas quando a segurança for absoluta. “Queremos que toda a região continue atraindo turistas. Mas, a partir de agora, um cuidado adicional será exigido, e teremos frequentemente uma análise do risco daquela região”, garantiu.

Sobre a investigação das causas da tragédia, ele disse que tanto a Marinha quanto a Polícia Civil vão apurar o episódio. “Menos de 48 horas depois da tragédia já conseguimos resgatar e identificar as 10 vítimas. As famílias já sabem exatamente o que aconteceu. Não falamos mais em nenhum desaparecido ou em nenhuma vítima não identificada”, disse.

Mas, para o professor do Departamento de Geologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Adelman Braz, o desabamento do último sábado não pode ser analisado como um evento isolado ou imprevisível. “São vários eventos que, ao longo de anos, resultaram no acidente. Desabamentos são algo comum na geologia, como os

que ocorrem em mineração, em barragens, sem nenhum motivo aparente”, explicou.

Braz explica que a rocha que desabou em Capitólio é muito dura e antiga e, por conta dessas características, é improvável que a erosão a tenha corroído. “A região de Capitólio é muito fraturada e não tem muita mata. Quando há chuvas, a água bate e infiltra, escoando rapidamente para os vales e ficando concentrada lá, agilizando o processo de colapso. Isso pode ter desestabilizado a rocha, pode ter influenciado”, disse.

Emergência

As chuvas incessantes no estado fizeram com que 145 municípios de Minas decretaram situação de emergência. O período chuvoso, que teve início em outubro, se estende até agora, e deixou 10 vítimas fatais em nove municípios. Ao todo, 13.734 pessoas estão desalojadas e há 3.409 desabrigados.

As altas precipitações, porém, têm previsão para acabar. De acordo com Francisco de Assis, chefe da previsão do tempo do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), a região centro-sudeste do estado está sob alerta vermelho, vivendo condições de chuvas intensas. “Essas chuvas intensas vão continuar até quarta-feira (amanhã), pegando a parte centro-sudeste de Minas, indo para a parte Sul, depois para a divisa de São Paulo e também do Rio de Janeiro”, explicou.

No Estado do Rio, as chuvas que caem incessantemente desde a última sexta-feira deixaram cerca de 1.200 desalojados e 300 desabrigados, segundo balanço divulgado, ontem, pela Secretaria Estadual de Defesa Civil. Os bombeiros já atenderam mais de 200 chamadas decorrentes da chuva, em 22 municípios.

A situação é mais crítica nas regiões norte e noroeste do estado, mas houve ocorrências em todas as regiões — não há registro de mortes. Os rios Muriaé, Carangola, Itabapoana, Pomba e Paraíba do Sul transbordaram, afetando pelo menos 10 cidades: Itaperuna, Italva, Natividade, Porciúncula, Bom Jesus do Itabapoana, Laje do Muriaé, Cambuci, Aperiibé, Santo Antônio de Pádua e Cardoso Moreira.

Mineradoras param atividades

As chuvas intensas que atingem Minas Gerais obrigaram mineradoras a paralisarem a produção por questões de segurança. Vale Usiminas, CSN e Vallourec — que teve no fim de semana a atividade paralisada pela Justiça, devido ao transbordamento de um dique da empresa, que invadiu a BR-040 e interrompeu o fluxo de veículos — suspenderam a produção. A preocupação das empresas é com a segurança das barragens para evitar que se repitam tragédias como a de Mariana e de Brumadinho.

A Vale informou, ontem, que teve de paralisar parcialmente a sua produção nos sistemas Sudeste e Sul. Segundo a mineradora, a decisão é para “garantir a segurança dos seus empregados e comunidades, em razão do nível elevado de chuvas que atingem Minas”. Apesar do cenário, a Vale mantém a estimativa de produção de minério de ferro para 2022

para algo entre 320 milhões e 335 milhões de toneladas.

Já a Usiminas afirmou que suas atividades deverão ser retomadas “quando as condições climáticas melhorarem e permitirem acesso seguro às minas e o funcionamento adequado de equipamentos, bem como após uma revisão das condições das instalações em geral”. A companhia salienta, também, que ao menos até aqui, a paralisação da mineradora não deverá afetar a sua produção de aço, visto que há estoque.

A CSN, por sua vez, afirmou que a operação da mina Casa de Pedra está temporariamente suspensa e com “expectativa de retorno das atividades nos próximos dias”. Ainda por conta das chuvas, a operação portuária de carregamento de minério no Terminal de Carvão no porto de Itaguaí, no Rio, também está suspensa.

Eles só queriam admirar a beleza do cânion

Fotos: Redes sociais



Sebastião Teixeira

Nascido em Anhumas (SP), era o patriarca da família Teixeira da Silva. Ex-integrante da Polícia Militar de Minas Gerais, era benquisto em Serrania, cidade que escolheu para viver com a mulher e os filhos. Tinha 64 anos.



Marlene Teixeira

Marlene Augusta Teixeira da Silva, de 57 anos, era natural de Itaú de Minas. Era mulher de Sebastião.



Geovany Teixeira

Também nascido em Itaú de Minas, Geovany Teixeira da Silva tinha 37 anos, era filho de Sebastião e é mais uma das vítimas da queda do paredão de pedra em Capitólio, no último sábado.



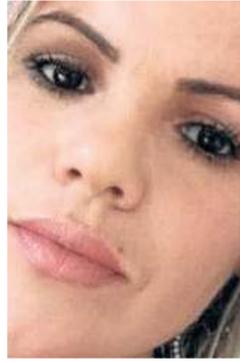
Geovany Gabriel

Geovany Gabriel Oliveira da Silva tinha 14 anos e era natural de Alfenas (MG). Era filho de Geovany e neto de Sebastião. Também não resistiu à queda da imensa pedra.



Thiago Teixeira

Thiago Teixeira da Silva Nascimento tinha 35 anos e nasceu em Passos (MG). Era sobrinho de Marlene e Sebastião, e primo de Geovany.



Carmem Pinheiro

Carmem Pinheiro da Silva tinha 43 anos e nasceu em Cajamar (SP). Era companheira de Geovany e estava acompanhada no passeio da filha e do namorado da filha. Nenhum deles sobreviveu.



Camila Machado

Camila da Silva Machado tinha 18 anos. Era natural de Paulínia (SP) e filha de Carmem. Foi ao passeio com a mãe e o namorado, a convite do casal Sebastião e Marlene, e do companheiro da mãe, Geovany.



Maycon Douglas

Maycon Douglas de Osti tinha 24 anos e faria 25 anos no último domingo. Era namorado de Camila.



Rodrigo Alves

Rodrigo Alves dos Anjos tinha 40 anos e nasceu em Betim (MG). Era quem pilotava a lancha Jesus no momento da tragédia. Ele também não resistiu à queda da imensa pedra.



Julio Antunes

Julio Borges Antunes era de Alpinópolis (MG) e tinha 68 anos. Participava da excursão junto com a família de Sebastião e Marlene.

Uma família unida e que se divertia junto

O casal Sebastião Teixeira da Silva, de 64 anos, e Marlene Augusta Teixeira da Silva, de 57, tinha um grande prazer: a família. Moradores da pequena Serrania (MG), município próximo de Alfenas e já na direção da fronteira com São Paulo, sempre que podiam incluíam os filhos e agregados nos eventos que planejavam, desde um almoço reunindo todos às viagens — como a que fizeram ao cânion de Capitólio.

Passageiros da lancha Jesus, que foi atingida diretamente pelo paredão que se desprendeu no último sábado, Sebastião e Marlene mais uma vez acreditavam

estar curtindo com aqueles que mais amavam. Mas a falta de fiscalização e a imprudência fizeram com que a diversão terminasse em tragédia.

Com o casal estava Geovany, de 37, que era o segundo de três filhos — o mais velho, Ernani, morreu há dois anos e, agora, restou apenas Angelita. Acompanhando Geovany, Sebastião e Marlene no passeio, Geovany Gabriel também admirava as formações rochosas e a água límpida do lago artificial chamado de “Mar de Minas”. O jovem de 14 anos também foi uma das vítimas do desprendimento da rocha.

Geovany, porém, não se fazia acompanhar apenas dos pais e do filho. Levou para o passeio a companheira, Carmem Pinheiro, 43; a enteada, Camila Machado, 18, e o namorado dela, Maycon Douglas, 24. Na tragédia, mais um integrante da família de Sebastião e Marlene não resistiu à queda da imensa pedra: Thiago Teixeira da Silva, 35, sobrinho do casal e primo de Geovany.

Outras duas pessoas morreram na tragédia do último sábado: o piloto da lancha, Rodrigo Alves dos Anjos, de 40 anos, e Julio Borges Antunes, 68, que participava do passeio com a família de Sebastião e Marlene.

Em Serrania, onde o casal morava, a prefeitura decretou luto por três dias. Os corpos de Sebastião, Marlene, Geovany e Geovany Gabriel foram velados no Ginásio Poliesportivo Amélio Bueno da Fonseca e sepultados no cemitério da cidade.

Já Rodrigo, o piloto da lancha Jesus, era considerado um conhecedor do lago de Furnas. Era morador de São José da Barra, que fica a apenas 45 quilômetros de Capitólio, assim como o aposentado Júlio Borges Antunes — que segundo um sobrinho dele era a primeira vez que o tio andaria de lancha — e Thiago Teixeira.